

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
CURSO LETRAS PORTUGUÊS

NAYARA FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA SÉARA

A OCORRÊNCIA DO ROTACISMO EM TRÊS CIDADES ALAGOANAS.

Maceió,
2024

NAYARA FERNANDA DE OLIVEIRA SILVA SÉARA

A OCORRÊNCIA DO ROTACISMO EM TRÊS CIDADES ALAGOANAS.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Orientador: Prof. Dr. Aldir Santos de Paula.

Maceió

2024

Dedico esta conquista, primeiramente, a Deus por ser a razão de tudo em minha vida e aos meus pais pelo apoio e pelo incentivo incessantes.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, fonte de todo conhecimento e misericórdia. É a Ele que dirijo minha maior e mais sincera gratidão.

AOS MEUS PAIS, Ezequiel e Cristina, obrigada por sempre batalharem pelo meu bem estar físico e espiritual, me ensinar a importância de uma boa educação, me proteger com orações e por me dar motivos para ir ao encontro de todos os desejos plantados em meu coração, além da dedicação sem pedir nada em troca.

AO MEU ESPOSO, Allan Seara, por se fazer escudo na adversidade, por não me permitir duvidar de seu amor/ companheirismo e, principalmente, por me incentivar.

AO MEU IRMÃO, Ezequiel Júnior, pelo carinho e incentivo de todos os dias.

AO MEU ORIENTADOR, Dr Aldir Santos de Paula, pelas orientações, pela paciência e estima incomparáveis.

AOS PROFESSORES, do colegial e da graduação, que contribuíram para o meu crescimento profissional, principalmente, ao Professor Dr Jair Farias por fazer nascer em mim o desejo de estudar a Sociolinguística com suas aulas hipnotizantes.

E AOS AMIGOS, que diretamente ou não, contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa pretende identificar a realização do rotacismo na fala de adultos acima de 60 anos, todos moradores do estado de Alagoas. O rotacismo na língua portuguesa se caracteriza pela proximidade de dois fonemas na articulação: o tepe e o lateral. Sendo assim, são idênticos no ponto de articulação e vozeamento, mas se diferenciam no modo de articulação, o que acontece com a troca do 'l' pelo 'r'. Embora sofra de eventual estigmatização, tal fenômeno fonético não prejudica a compreensão do interlocutor, sendo apenas mais uma variação dialetal identificada no português brasileiro. O trabalho tem como base a Sociolinguística Variacionista, com a contribuição de linguistas como Bagno (2005), Bortoni (2005), Faraco (2008) e outros. A pesquisa analisa entrevistas realizadas em três cidades alagoanas e a incidência do rotacismo nos dados levantados.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Variação linguística; Rotacismo.

Introdução

As discussões sobre o uso das normas linguísticas têm sido de extrema importância para que, como corpo social, possamos ter um pensamento crítico, uma compreensão, um posicionamento e inclusive um engajamento na luta pela diminuição do preconceito e pela aceitação dos diversos falares brasileiros.

Percebi a importância da pesquisa aqui proposta não somente para a minha formação como docente de língua portuguesa, no sentido de realizar uma análise linguística, observando mais especificamente o poder que a norma culta tem sobre a sociedade, podendo causar exclusão e inclusão dos falantes das diversas normas, mas também como cidadã.

Neste artigo, explano sobre o rotacismo, explicando algumas das possíveis causas de seu aparecimento e permanência na língua portuguesa falada no Brasil. Iniciando com a origem do português e passando por sua inserção e presença no território brasileiro. Para isso, tomo por base Bortoni (2005), Faraco (2015), Bagno (2020) entre outros para explicar sobre o preconceito linguístico e sobre a realização do fenômeno do rotacismo.

Por fim, apresento a análise do levantamento realizado nas entrevistas gravadas, levando em consideração três cidades alagoanas: Arapiraca, Capela e Maceió. O trabalho está dividido em XX partes. A primeira destaca a origem da língua portuguesa e sua presença no Brasil e tece comparações sobre a língua portuguesa falada em Portugal e no Brasil, realçando o papel da norma nas duas línguas. O segundo tópico apresenta a metodologia empregada na elaboração deste trabalho e, por último, o tópico 3 apresenta a análise dos dados. Tais tópicos são seguidos pela conclusão e referências.

1.1 Origem do português e sua presença no Brasil

A origem da língua portuguesa está no latim. A implantação do latim se deu por transformações político históricas na península ibérica decorrentes da presença dos romanos na região. O latim foi sofrendo mutações que

desenvolveram o Galego, o Português, o Castelhana, o Catalão, o Francês, o Italiano e o Romeno. No Brasil, como citado por Santos (2010, p.1):

O português que se fala hoje no Brasil é resultado de muitas transformações, de acréscimos e/ou supressões de ordem morfológica, sintática e/ou fonológica. Tais transformações passaram por três fases distintas: desde o galego-português (língua que predominou dos séculos VIII ao XIII), dissociando-se posteriormente do galego e dando, assim, surgimento ao português arcaico (séculos XIV ao XVI), que, por conseguinte, tornou-se português clássico (a língua de Camões), perpassando ainda por outros dialetos até chegar ao português contemporâneo. (Santos, 2010, p.1)

Com a chegada dos portugueses, a língua portuguesa foi gradativamente sendo incorporada pelos habitantes do território. As populações indígenas foram as que primeiro sofreram o processo de perda linguística de suas línguas originárias, o que, infelizmente, ainda persiste em todo o território brasileiro, especialmente nas regiões norte e centro-oeste. Como citado por Rodrigues (2019, p.83),

O número dessas línguas (indígenas) no momento em que os europeus conheceram os ameríndios há 500 anos é calculado em 1,175 para o território brasileiro. Hoje, as línguas indígenas no Brasil não passam de 180. Portanto, cerca de 1.000 línguas desapareceram como consequência da colonização portuguesa. As línguas sobreviventes se enquadram na categoria de línguas ameaçadas, já que a mais populosa delas é falada por apenas 20.000 pessoas. Alguns deles estão à beira da extinção. (Rodrigues, 2019, p.83)

Essa aculturação forçada ocorreu por medidas drásticas como a proibição do uso de línguas. Santos indica que:

Isso se deu em detrimento dos interesses políticos e comerciais de Portugal, que tomara algumas medidas radicais, entre elas a proibição do uso das línguas gerais (diz-se língua geral aquela falada no Brasil colonial como língua de contato entre índios,

portugueses e seus descendentes) e a imposição do português como língua oficial. (Santos, 2010, p.1)

Essa situação ocasionou a morte de maior parte das línguas nativas motivada pela imposição da língua e da cultura portuguesas pelos colonizadores. Para se chegar ao nosso falar atual, o Português Brasileiro sofreu muitas mudanças e mesclou-se com diferentes línguas. Santos (2010, p.2) resume este processo em quatro fases:

o primeiro momento vai da colonização até a saída dos holandeses do Brasil, em 1654; o segundo vai daí até a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, em 1808; o terceiro finda com a independência do Brasil, em 1822. Por fim, o quarto momento se inicia em 1826, com a transformação da língua do colonizador em língua da nação brasileira. (Santos, 2010, p.2)

Desde o início da colonização, a partir da presença forçada da língua portuguesa e do desenvolvimento da identidade linguística brasileira foram emergindo necessidades normativas, de forma que não houvesse a dependência de normas de outrem.

De acordo com Faraco (2015, p.22), “a questão normativa emergiu com força no Brasil na segunda metade do século XIX. Surgiu como uma reação ao ideário de nossos autores românticos”, que sentiam necessidade de escrever sob as regras do que era vivido em nosso país. Ou seja, já era sentida a carência de firmarmos a ‘personalidade’ linguística brasileira e deixarmos de depender das normas linguísticas portuguesas. Como dito por Faraco, “eles (escritores) batalhavam por uma independência literária e cultural como desdobramento da independência política.” (op.cit, p.22).

Portugal não viu com bons olhos essa separação político linguística e reagiu com críticas negativas a esse planejamento de nossos escritores. Como citado por Faraco (2015, p.22), “Intelectuais portugueses – alguns inclusive vivendo aqui e recebendo o patrocínio do imperador Pedro II – começaram a dizer que os autores brasileiros escreviam mal, desconheciam a língua e cometiam erros gramaticais”.

Para ilustrar essas diferenças, podemos citar a colocação de pronomes oblíquos. Em Portugal, o pronome derivou para ênclise como colocação predominante, no Brasil permaneceu a próclise, como pode ser visto no seguinte exemplo:

a) “Dá-me uma carona?” (Portugal)

b) “Me dá uma carona?” (Brasil)

Não eram erros gramaticais que estávamos cometendo e sim diferenças dialetais que estavam gritando através de marcas identitárias e isso já pode ser verificado no século XIX, com diferenças na escrita derivadas das diferenças na fala. “Na verdade, o que ocorreu neste embate entre letrados foi interpretar como erro as diferenças características do português.” (Faraco, 2015, p. 22).

Nesse contexto, havia uma vontade de separação ou até mesmo de anulação de todas as vivências históricas do Brasil: a presença dos povos indígenas e a presença forçada das pessoas escravizadas. Desse ponto de vista, as culturas e línguas indígenas e africanas deveriam ser desconsideradas para que as normas portuguesas seguissem vigentes. Assim vemos “um percurso histórico que nos fez rechaçar nossas características linguísticas cultas e adotar uma norma artificial” (Faraco, 2015, p.25) e que nos conduziu, de certa forma, ao preconceito que vivemos até hoje. Por isso,

Ao cabo de um século e algumas décadas de descaminhos normativos, nos encontramos hoje em meio a dois conflitos cruciais: de um lado, a norma culta praticada de fato frente à norma culta artificial (predicada); de outro, o que me parece ainda pior, um discurso normativo estreito, curto, dogmático que sobrepõe a um discurso normativo relativamente flexível e que acolhe timidamente algumas das características da nossa expressão culta. (Faraco, 2015, p.26)

Esse preconceito esquece que “das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação de repertório verbal e o acesso limitado a norma padrão” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 22). Essa variação de repertório verbal nos faz entender que somos um país

tido como monolíngue (pela língua portuguesa), mas que, na verdade, é multilíngue (por termos diversas outras línguas, inclusive europeias de entrada mais recente). Por esse motivo, nossa língua oficial está mergulhada em várias outras que estão espalhadas em todo território brasileiro e que por serem vivas estão em contante mudança.

Essas mudanças, entretanto, não são aceitas facilmente, e, às vezes, a variação é motivo de zombaria, tendo em vista que a linguagem considerada culta é prestigiada por todos. Para Bortoni-Ricardo,

O prestígio associado ao português padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como. (Bortoni-Ricardo, 2005, p.14),

No próximo tópico veremos sobre as variações que a língua portuguesa sofre durante a comunicação e ao longo do tempo.

1.2 Variações na fala

Uma conversa envolve uma organização, não só o uso linguístico, mas a percepção da situação em que o falante está inserido, uso das palavras adequadas para o momento, modelação de aspectos físicos como feições do rosto e movimentos das mãos etc. A fala é modulada por conhecimentos partilhados em uma região, como esclarece Bortoni-Ricardo (2005, p.20):

A oralidade é, por excelência, uma atividade localmente construída e muito sujeita às contingências do momento da enunciação. De fato, sabemos que a comunicação oral é coconstruída, pelos interagentes. O falante recebe de seus ouvintes sinais de retorno que o ajudam a produzir e a modular a sua fala. O ouvinte pode, pois, ser considerado o principal elemento do contexto que condiciona a fala de seu interlocutor.

Ou seja, o interagente é contexto para o falante. (Bortoni-Ricardo, 2002, p.20)

Na oralidade é que a língua sofre mutações e assim como Bortoni (2005) indica há várias “formas que supostamente transmitem o mesmo conteúdo semântico, expresso com recursos linguísticos distintos, vão caracterizar regras variáveis, e suas alternativas são denominadas variantes.” Por exemplo, as formas “nós vamos”, “a gente vamos” e “nós vai” são três variantes da mesma forma verbal, no Português do Brasil.

Apesar de ter o mesmo conteúdo semântico, essas variantes podem não apenas serem escritas de formas diversas como traduzir sentimentos distintos. Como bem pontuado por Mário Lago e cantado por Geraldo de Azevedo, o poema Proclamação do amor antigramática, encontrado no Spotify na Faixa 2 do álbum "Solo Contigo" de Geraldo Azevedo (2019) critica:

"Dá-me um beijo" ela me disse
E eu nunca mais voltei lá
Quem fala "dá-me" não ama
Quem ama fala "me dá" ...
Comete miles de erros
Mistura tu com você
E eu proclamarei aos berros
"Vós és o meu bem querer"

No texto, vemos que o ‘desvio’ da norma padrão é que traz sentimentos bons ao autor. A forma “me dá” parece mais espontânea e, por isso, mais importante do que manter a normatividade gramatical.

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material para a análise sociolinguística (Tarallo, 2007, p.19)

No português brasileiro, assim como em outras línguas, há pessoas que falam diferente da norma tida como padrão. Um exemplo dessa situação é observado no quadrinho em seguida.



Copyright © 2003. Maurício de Sousa Produções LTD. Todos os direitos reservados.

Para escrever este artigo, primeiramente considerei conversas ouvidas ao longo da vida. Observando pessoas ao redor, conhecidas ou não, e percebi situações em que é corriqueira a troca do L pelo R e vice-versa. Ilustrado no texto do quadrinho com a palavra “fror” (flor).

Esse fenômeno é chamado de rotacismo e ocorre devido “a alternância entre as consoantes líquidas, lateral alveolar /l/ e o tepe alveolar /r/, que ocorre nos contextos silábicos de ataque complexo e coda silábica” (Costa, 2007, p.01). Situação que pode ocorrer tanto nos grupos consonantais do tipo CCV, quanto nas ocasiões do tipo VC. Onde C significa “consoante” e V significa “vogal”. Como pode ser visto em Fruta (Flauta) ou Armoço (Almoço), por exemplo.

Este processo pode ocorrer em exemplos como:

- c) Cráudia (Cláudia)
- d) arma (alma)
- e) argum (algum).

f) Inglês (Inglês)

Além das possíveis motivações históricas, existem motivações articulatórias para a ocorrência deste fenômeno, tendo em vista que os dois sons têm o ponto de articulação alveolar. Vale ressaltar que, ainda assim, são fonemas distintos no português, uma vez que, a troca de // por /r/ pode acarretar a mudança de significado como, por exemplo, no caso das palavras mal e mar. Mas, no que se refere ao rotacismo, a troca do L por R, não altera o significado da palavra, pois a alteração se dá, somente, no âmbito fonético.

2. Metodologia de pesquisa

A construção deste trabalho está baseada numa pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudos realizados por Bortoni (2005), Faraco (2015), Bagno (2020) entre outros, que explicam como os diversos falares têm seus fundamentos e que o português padrão não é a única forma de expressão linguística. Admitindo assim, a diversidade linguística como uma grande biblioteca de intertextos que compõem o conhecimento. Para Bagno,

... não se trata de desenvolver uma pedagogia que se concentre nas formas léxico-gramaticais típicas dessas variedades, mas de uma pedagogia que integre o domínio das variedades ao domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala no espaço público. (Bagno, 2015, p. 9)

Visando a utilidade desse conteúdo para diversos outros pesquisadores que o queiram amplificar, o artigo desenvolve-se com o objetivo descritivo/exploratório, afirmando a citação de Faraco (2019, p.26) “não é mais possível continuar rechaçando pura e simplesmente a nossa realidade linguística. Ela não está pedindo condenação, mas explicação.”

Os dados para a análise foram extraídos do site do projeto PORTAL – Variação Linguística do Português Alagoano, que possui “um banco de dados de falares alagoanos, coletado a partir de entrevistas semiestruturadas

(entrevistas do tipo “história de vida” e opiniões sobre temas polêmicos)”, acessado em 22/01/2024).

No site, estão disponibilizadas gravações e transcrições de 240 participantes distribuídos em 10 cidades do estado de Alagoas. Todas as pessoas que participaram das entrevistas são nascidas e/ou criadas nos municípios em que as entrevistas ocorreram. As gravações duram entre 9 e 11 minutos e os participantes estão georreferenciados. As amostras por cidade obedecem às cotas conforme ilustrado no quadro que a página do Portal Alagoano disponibiliza. Vejamos a seguir:

Gênero	Escolaridade	Faixa etária		
		18-35 anos	45 a 55 anos	Mais de 65 anos
Masculino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Feminino	< 8 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Total		24 participantes por cidade		

Os áudios dos entrevistados que foram gravados no formato WAV com taxa de amostragem de 48khz/24bits, também são disponibilizadas transcrições sincronizadas (PRAAT).

Após a audição dos dados disponibilizados, houve a necessidade de separação para que o teor da pesquisa pudesse ser delimitado com precisão.

Desta maneira, os participantes foram separados em três grupos com 8 pessoas cada. Sendo separado primeiro por município e depois por escolaridade. Um subgrupo com ensino fundamental incompleto e outro com ensino superior completo. Todos os participantes adultos com mais de 60 anos. Cada grupo contendo 4 mulheres e 4 homens, todos alagoanos, mas de cidades diferentes: Arapiraca, Capela e Maceió. Se faz importante ressaltar que houve uma terceira separação por gênero, com o intuito de analisar se há

uma diferença relacionada a variação linguística de homens e mulheres. Os colaboradores da pesquisa podem ser assim identificados:

Arapiraca:

1. Homem, 70 anos, com 01 ano de escolaridade,
2. Homem, 89 anos, com 11 anos de escolaridade,
3. Homem, 87 anos, com 15 anos de escolaridade,
4. Homem, 76 anos, com 08 anos de escolaridade,
5. Mulher, 68 anos, com 01 ano de escolaridade,
6. Mulher, 67 anos, com 15 anos de escolaridade,
7. Mulher, 67 anos, com 01 ano de escolaridade,
8. Mulher, 79 anos, com 15 anos de escolaridade.

Capela:

1. Homem, 68 anos, sem acesso à escola,
2. Homem, 66 anos, com 12 anos de escolaridade,
3. Homem, com 65 anos, com 12 anos de escolaridade,
4. Homem, com 62 anos, sem acesso à escola,
5. Mulher, com 74 anos, com 18 anos de escolaridade,
6. Mulher, com 68 anos, com 05 anos de escolaridade,
7. Mulher, com 62 anos, com 17 anos de escolaridade,
8. Mulher, com 61 anos, com 09 anos de escolaridade.

Maceió

1. Homem, 65 anos, com 12 anos de escolaridade,
2. Homem, 73 anos, com 18 anos de escolaridade,
3. Homem, 65 anos, com 02 anos de escolaridade,
4. Homem, 67 anos, com 02 anos de escolaridade,
5. Mulher, 77 anos, sem acesso à escola,
6. Mulher, 76 anos, sem acesso à escola,

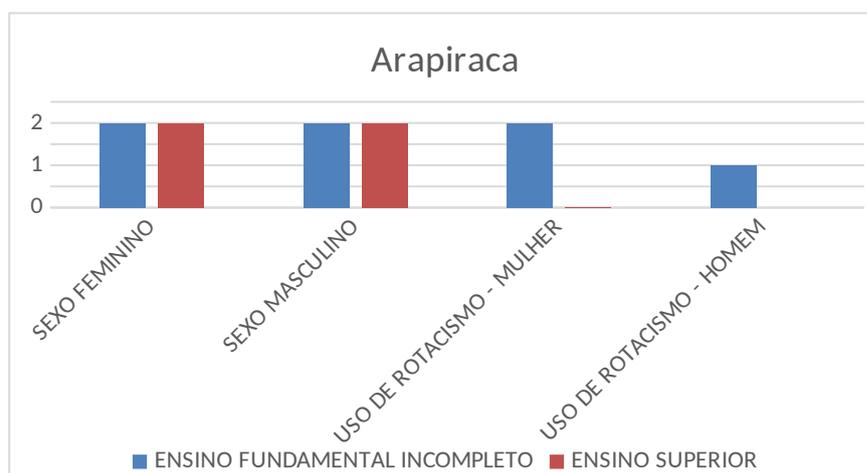
7. Mulher, 70 anos, com 08 anos de escolaridade,
8. Mulher, 70 anos, com 18 anos de escolaridade.

3. Análise dos dados

Neste tópico, apresentarei a análise dos dados, indicando os resultados por cidade. Os gráficos mostram os resultados de Arapiraca, Capela e Maceió, respectivamente. Torna-se válido levar em consideração o desenvolvimento de cada cidade e a distância da capital Alagoana para entendermos se a posição geográfica impacta na incidência do rotacismo no falar do Alagoano.

3.1 Arapiraca

Segundo dados retirados do IBGE, Arapiraca é uma cidade alagoana com cerca de 234.000 habitantes e densidade demográfica era de 678,99 habitantes por quilômetro quadrado. No ranking com outros municípios do estado, ficava nas posições 2 e 3 de 102 em 2022.



A partir dos dados levantados com os oito entrevistados em Arapiraca, três tiveram a ocorrência de rotacismo. Todos com ensino fundamental incompleto, sendo um do sexo masculino e duas do sexo feminino.

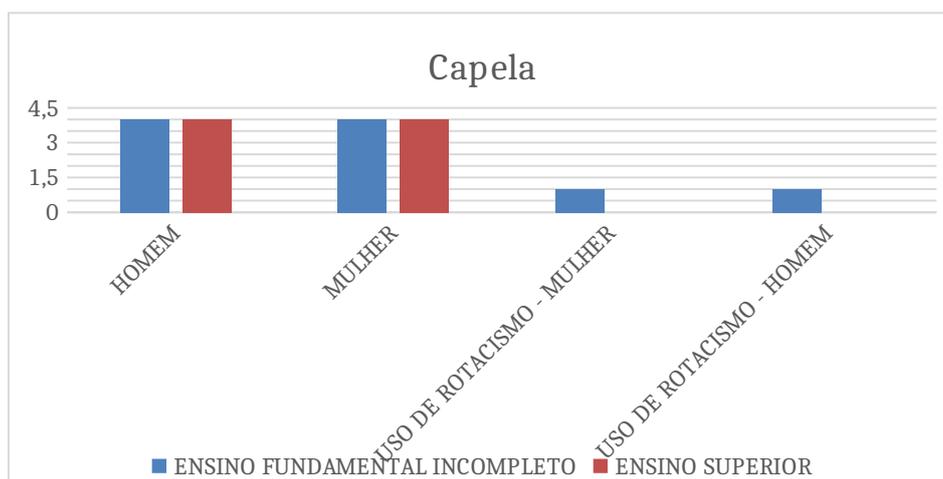
As palavras em que o processo de rotacismo esteve presente foram:

- 01) prantado
- 02) Pranta
- 03) Farta
- 04) brusinha,
- 05) probrema
- 06) pobrema.

Os exemplos de 01 a 03 foram encontrados em fala masculina; os demais, encontrados em fala feminina.

3.2 Capela

A cidade de Capela, de acordo com dados retirados do site do IBGE, tem uma população de cerca 15.000 habitantes e uma densidade demográfica de 57 habitantes por quilômetro quadrado em 2022. Na comparação com outros municípios, ficava nas posições 54 e 121 de 102.

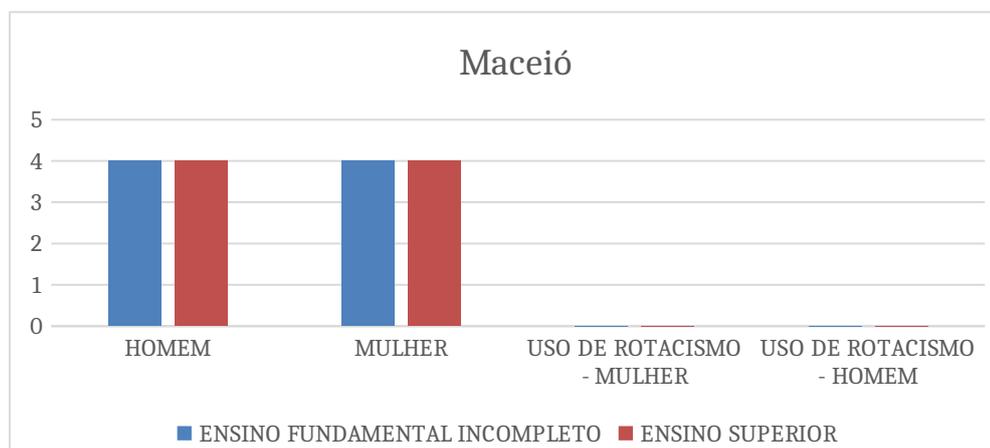


Dos oito entrevistados na cidade de Capela, apenas dois apresentaram o fenômeno do rotacismo em suas falas. Sendo um homem (exemplo 01) e uma mulher (exemplos 02 e 03), ambos com ensino fundamental incompleto. As palavras levantadas foram:

- 07) pranto
- 08) bicicleta
- 09) frexeira.

3.3 Maceió

Maceió, capital alagoana, tem uma população de cerca de 957.000 habitantes e a densidade demográfica era de 1.880,77 habitantes por quilômetro quadrado. Na comparação com outros municípios do estado, ficava em primeiro lugar de 102 posições.



Entre as entrevistas levantadas para a análise, a cidade de Maceió não apresentou a presença do rotacismo

Conclusão

O reconhecimento da diversidade do falar brasileiro já temos em nosso senso comum. Basta conversar com pessoas de estados diferentes para percebermos a enorme variedade dialetal do Brasil, mesmo falando a mesma língua. Questões como essa são corroboradas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que defende o respeito e a valorização cultural/ linguística:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença [...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala [...]. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (BRASIL, 1997, p. 31).

Ao observar os dados levantados durante a pesquisa, foi possível analisar três cidades diferentes e com níveis de posições no ranking estadual distintos.

Ao comparar Arapiraca e Capela, por exemplo, a cidade que é considerada a segunda capital alagoana (Arapiraca) teve mais incidências do rotacismo nas entrevistas que Capela – cidade pequena do interior. Mas, Maceió, capital alagoana, não teve nenhum caso de rotacismo em seus entrevistados.

Outro fator a ser considerado é o de acesso à instrução escolar. Todas as pessoas que tiveram acesso ao ensino superior não apresentaram o rotacismo.

Por fim, diante de todos os dados levantados, é pertinente perceber que mesmo com a utilização do rotacismo nenhuma informações passadas pelos entrevistados foi mal entendida ou sofreu algum tipo de dualidade nas conversas ouvidas e analisadas. Sendo o rotacismo uma marca identitária da mutação que a língua sofre ao longo do tempo.

Referências

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 17.ed., 6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2020.

BAGNO, Marcos. et al. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1.ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 1997

COSTA, Luciane Trennephol. **Análise variacionista do rotacismo**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em

http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_do_rotacismo.pdf. Acesso em 05/05/2023.

JOGAS, Mônicas Guedes; DOS SANTOS GOMES, Nataniel. **ADONIRAN BARBOSA, O DEFENSOR INVOLUNTÁRIO DO COMBATE AO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4454/3257> Acesso em 07/05/2023.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

Projeto PORTAL: Português Alagoano. Disponível em: <https://www.portuguesalagoano.com.br/p/inicio.html>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.

Rodrigues, A. D. (2019). **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. DELTA: Documentação E Estudos Em Linguística Teórica E Aplicada, 9(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>

SANTOS, Wesley de Jesus. **História da língua portuguesa: formação e implantação de uma língua navegante** – Educação Pública. 20/04/2010.

Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/14/historia-da-lingua-portuguesa-formacao-e-implantacao-de-uma-lingua-navegante#:~:text=Ao%20Brasil%2C%20a%20l%C3%ADngua%20portuguesa,se%20fixasse%20no%20territ%C3%B3rio%20brasileiro.>

Acesso em: 02. Nov. 2023